

Dançar a Ciência, Cientificizar a Dança - e a Divulgação Científica, Onde Se Encaixa?

Dancing Science, Scientificizing Dance - and Science Communication, Where Does It Fit?

Alanna Dahan

ORCID: [0000-0001-8561-5044](https://orcid.org/0000-0001-8561-5044)

Carla Almeida

ORCID: [0000-0003-3139-0331](https://orcid.org/0000-0003-3139-0331)

Isabella Souza

ORCID: [0000-0001-6981-4246](https://orcid.org/0000-0001-6981-4246)

Carolina Andries Gigliotti

ORCID: [0000-0002-0051-9035](https://orcid.org/0000-0002-0051-9035)

Resumo

A importância de mover o corpo para a promoção da saúde, a dança como linguagem em uma ação de divulgação científica, a ciência como inspiração para a criação de um espetáculo coreográfico... há tantas formas de pensar e fazer a integração entre Ciência e Dança! Também há muito a descobrir. Onde as ações de Ciência e Dança estão acontecendo? Quem está por trás delas? Será que há intencionalidade de divulgar ciência em todas essas possibilidades? Este artigo tem como objetivo dar início ao trabalho prático e reflexivo de um grupo que propõe a integração da Ciência e a Dança dentro da perspectiva da divulgação científica. Para isso, apresentamos e refletimos sobre a performance corpo-gravidade (acessível via QR code no corpo deste artigo), com o intuito de testar e tensionar essa mescla de linguagens. Ela representa o primeiro movimento do LAB Ciência e Dança.

Palavras-chave: Dança. Ciência. Divulgação Científica. Arteciência

Abstract

The importance of moving the body to promote health, dance as a language in an action of science communication, science as inspiration for the creation of a choreographic show... there are so many ways of thinking and making the integration between Science and Dance! There is also a lot to discover. Where are the Science and Dance actions taking place? Who is behind them? Is there an intention to disseminate science in all these possibilities? This article aims to initiate a reflection on a movement that brings the integration of Science and Dance, within the perspective of science communication. For this, we reflect on the body-gravity performance (accessible via QR code in the body of this article), in order to make a provocation of languages. It represents the first movement of LAB Science and Dance.

Keywords: Dance. Science. Science Communication. Art Science

1. Introdução

Onde há humanidade, há expressão corporal, há movimentos, do mais singelo piscar de olhos às mais esplêndidas coreografias de uma bailarina. Onde há seres humanos, há performance, há dança, seja ela consciente ou espontânea. E toda dança é uma expressão artística, cultural e política. É o corpo que se comunica, que expressa sua ancestralidade e sua história, que dita o presente e abre caminhos para os possíveis futuros. Roger Garaudy (1980) aponta para a importância da comunicação na contemporaneidade e diz que a dança nasce da necessidade de dizer o indizível, de conhecer o desconhecido e de estar em relação com o outro.

No momento em que se vive a pandemia da Covid-19, o isolamento social, sobretudo físico, é medida de segurança recomendada pelas autoridades de saúde. As casas viraram cenários cotidianos e os corpos no *home-office* e na Educação a Distância (EaD) se reduziram a olhos, ouvidos, bocas e mãos que se conectam às telas de computadores e celulares. Claro, estamos falando de uma parcela da população com privilégios de cumprir total ou remotamente a quarentena. De todo modo, as relações sociais tiveram que se adaptar a esse momento e as pessoas certamente estão limitadas em sua coreopolítica urbana¹. Por conta dessa restrição corpórea, há uma urgência na busca de manter o corpo em movimento, ativo, de percebê-lo por todos os sentidos, de mover pelo sensível e pela saúde. O reconhecimento de sua dança pode ser uma saída revolucionária. Dançar por prazer, para conhecer, para aprender e para resistir. E ver a dança como arte, linguagem e objeto de estudo faz parte desta pesquisa, inserida no campo interdisciplinar da divulgação científica.

Com as lentes da divulgação científica, como os movimentos da dança podem estar atrelados aos conhecimentos da ciência? Este artigo visa relatar a experiência de produção da performance corpo-gravidade e trazer reflexões que envolvem a integração dos campos da ciência e da dança - e suas formas particulares de explorar o mundo. Convidamos, então, vocês, leitoras e leitores, a acessarem o QR code abaixo e experienciarem a performance corpo-gravidade: uma forma de mover/dançar fenômenos físicos e nossas referências bibliográficas.

Mas, atenção, leitoras e leitores: é preciso uma pausa para sentir:

¹ Segundo André Lepecki (2012), a coreopolítica é a ocupação das ruas e a possibilidade de ir e vir nos espaços urbanos.

Performance corpo-gravidade - LAB Ciência e Dança



Em corpo-gravidade, o mover se dá a partir da fisicalidade do conhecimento, do levantamento bibliográfico literal e pessoal de cada artista-pesquisadora. A partir da movência, há outras formas de se relacionar com livros e referenciais teóricos. Segundo a pintora e escultora Lygia Clark (1980), o artista cria relações com os objetos a partir de sua textura, peso, tamanho, temperatura, sonoridade ou movimento, e revive, em contexto regressivo, sensações registradas na memória do corpo, relativas a fases da vida anteriores à aquisição dessa linguagem.

A performance foi elaborada e conduzida pela bailarina e coreógrafa Isabella Duvivier Souza. Seu compartilhamento se deu pela plataforma Vimeo, que, segundo ela, é amplamente utilizada por artistas para divulgar suas obras em formato audiovisual. As artistas-pesquisadoras fazem parte do LAB Ciência e Dança, um grupo que vê a dança como ciência e as ciências potenciais dançantes no contexto da divulgação científica. O coletivo iniciou seus estudos em janeiro de 2021 com o intuito de teorizar e criar experiências na interseção entre ciência e dança.

Ao longo do processo de concepção da performance, muitas perguntas foram feitas, desde as que envolviam a epistemologia por trás das palavras-chave da pesquisa, como “O que é dança?”, “O que é ciência?” e “O que é divulgação científica?”, até questões mais elaboradas sobre a contemporaneidade da arte da dança e seus possíveis desdobramentos na ciência. Com o intuito de trazer chão, fazer provocações e dar visibilidade a um estudo de tema tão recente e instigante, surgiu a necessidade deste artigo, onde compartilhamos a performance corpo-gravidade. As perguntas motivadoras são: Como cientistas e dançarinas(os) costumam interagir na pesquisa e na práxis? Em que cenários há a possibilidade de ocorrer a integração ciência e dança? Há sempre a intencionalidade de se fazer divulgação científica?

2. Os primeiros embalos da ciência-dança

Um mergulho na literatura sobre a interface ciência-dança revela um tema ainda pouco explorado academicamente. Em meio a diversas possibilidades de interação, pode-se observar, primeiramente, que as ciências lançam mão da dança como linguagem no universo da educação

interdisciplinar formal, em ações de divulgação científica e na promoção de saúde, envolvendo, neste último caso, principalmente situações com pacientes que apresentam doenças neuronais ou limitações motoras. A dança, por sua vez, tem utilizado conceitos e conhecimentos científicos como fonte de inspiração na criação de espetáculos coreográficos, em performances de nanotecnologia e na produção e questionamentos de metodologias em dança. Pode-se observar que nem sempre há intencionalidade de divulgar e popularizar a ciência, principalmente quando os conceitos e conhecimentos científicos são utilizados no campo da dança.

2.1. Modos como a dança se apropria das ciências

A dança como campo acadêmico desenvolve cada vez mais estudos sobre o corpo, na criação e reflexão de metodologias de pesquisa em dança, a partir da educação somática e em processos de criação de espetáculos e dramaturgia. Os estudos trazem marcas de identidade em sua própria linguagem, que, se comparada às pesquisas em divulgação científica, por exemplo, pode-se considerar uma linguagem mais poética. Percebe-se que os estudos da dança muitas vezes usam conhecimentos científicos relacionados ao corpo e às questões motoras, principalmente nos assuntos anatomia, neurociência e bioquímica. As pesquisas de Meyer (2015), nas quais a Companhia de Dança Contemporânea da UFRJ compartilha seus processos de criação no contexto da ciência e arte, são ilustrativas desse eixo (fig. 1).



Figura 1: Mapas de montagem coreográfica gerados a partir de croqui científico.

Fonte: MEYER, 2015., p. x

Segundo o autor:

A valorização do uso da imagem nas ciências biológicas contemporâneas tem suscitado a criação de propostas estéticas na encenação coreográfica na atualidade. Muitas descobertas científicas em Química, Biologia Celular, terapia com células-tronco e Engenharia Genética, se tornaram objeto de temas da pauta artística na dança, estabelecendo uma multiplicidade de diálogos que interligam as dimensões artísticas com as científicas. (MEYER, 2015, p.241)

Além da dança, o teatro também se vale das descobertas científicas em suas criações. Almeida et al. (2018) apontam para o fato de que a vida de cientistas, seus dilemas éticos e morais,

suas descobertas e os seus impactos são um prato cheio para a dramaturgia e, por meio dela, tem sido possível compartilhar parte desse universo com um grupo grande de pessoas que vão ao teatro.

Outro exemplo são os estudos de Domenici (2010), que abordam o encontro entre dança e educação somática como uma interface de questionamento epistemológico sobre as teorias do corpo. Outras formas de que a dança se apropria de conhecimentos científicos é a partir da produção de performances que envolvem a nanotecnologia. Um exemplo interessante é dado por Leoti (2019), que discute tecnoperformance e instalação, e mais precisamente possibilidades emergentes de produção artística com drones.

Há um universo amplo sobre como a dança se apropria de conhecimentos científicos. Para essa pesquisa, selecionamos estudos que de alguma forma pudessem se relacionar com o campo da divulgação científica.

2.2. Modos como as ciências se apropriam da dança

Segundo Marandino (2004), a educação em ciências está presente nos espaços formais e não formais de educação e nas diferentes mídias, havendo, assim, a necessidade de pesquisas nesses universos. Na literatura revisada, observamos que as ciências interagem com a dança, especialmente nos campos da divulgação científica e da educação interdisciplinar, onde são usadas essencialmente como ferramenta ou linguagem. Nessa linha, um exemplo interessante é apresentado por Matias (2020), em que crianças são introduzidas às geociências por meio de histórias e danças criativas (fig. 2).

A. Matias et al.: Engaging children in geosciences

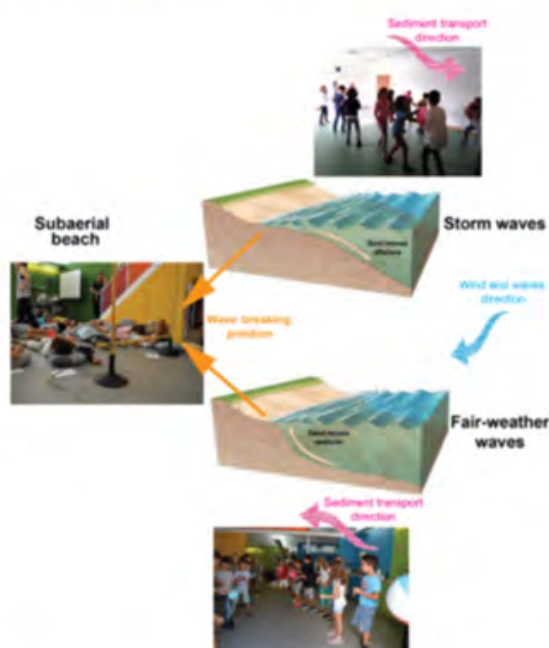


Figura 2: Crianças sendo introduzidas às geociências por meio de histórias e danças criativas, em iniciativa que aconteceu em Portugal. Fonte: MATIAS, 2020, p. 171.

Outro exemplo interessante de dança na divulgação científica é analisado por Myers (2012). Ao se debruçar sobre o concurso “Dance your PhD” – promovido pela AAAS e pela revista científica *Science* –, no qual doutores apresentam suas pesquisas científicas através da dança, a autora discute o ato de dançar como promoção de saúde. Essa faceta da ciência-dança também é debatida por Bittar (2018). O autor relata um trabalho amplo desenvolvido por meio de parceria entre Brasil e Reino Unido, que busca explorar a dança como potencializadora de promoção da saúde.

A proposta da performance corpo-gravidade resulta da intenção de construir um espaço de criação coletiva, formado por artistas, cientistas e divulgadores, no qual a ciência não use simplesmente a dança e nem a dança faça um uso instrumental da ciência, mas que ambas as áreas possam canalizar seu potencial, de forma colaborativa, para a divulgação científica. Nesse espaço, a ciência e seus conceitos integram-se organicamente à dança, a fim de provocar esteticamente o espectador, e não o induzir a um caminho conteudista, o que é comum acontecer nas ações de divulgação científica.

3. Metodologia

Na primeira etapa deste estudo, durante a reflexão sobre a performance corpo-gravidade, foi feito um levantamento bibliográfico sobre ciência e dança no contexto da divulgação científica, a fim de compreendermos como pesquisadoras, educadoras e artistas estão refletindo sobre práticas que envolvam Ciência e Dança.

Na segunda etapa, as integrantes do LAB Ciência e Dança encontraram-se algumas vezes para discutir o objetivo da performance e os conceitos científicos que seriam mobilizados. Além de ter a representação de um levantamento bibliográfico materializado, o que faz parte de uma metodologia científica, alguns conceitos físicos foram selecionados para embasar e direcionar a experiência. Tais conceitos serviram de inspiração à movência e são listados a seguir:

Tópicos de Física abordados na construção da performance corpo-gravidade:

Referenciais: Os referenciais são pontos a partir dos quais a observação dos fenômenos é feita. A escolha de um referencial altera a descrição do movimento. Dependendo do referencial escolhido, é possível tratar a união de vários corpos como um único sistema. A definição de qual será o sistema analisado vai alterar a descrição do movimento observado.

Gravidade: A força da gravidade é fruto da atração entre corpos massivos. Na superfície terrestre, essa força atua principalmente entre o planeta Terra e os corpos que estão próximos a ele. Essa atração é mútua. A intensidade dela é igual tanto na Terra quanto no corpo, sendo proporcional à massa do corpo e à aceleração da gravidade (uma constante

na superfície da Terra). A força da gravidade atua sempre no centro de gravidade dos corpos (ou do sistema). O centro de gravidade depende da geometria e da massa do sistema definido, e pode ser alterado uma vez que sua forma e/ou a distribuição de massa são alteradas.

Espaço-tempo: O conceito espaço-tempo surgiu com a reformulação da teoria da gravitação no espaço. O espaço-tempo é como um tecido que se deforma com a presença dos corpos massivos. A gravitação newtoniana e, conseqüentemente, a força gravitacional são aproximações válidas para as dimensões terrestres.

Empuxo: O empuxo é a força que os fluidos (líquidos e gases) fazem sobre os corpos que estão em contato com eles. A intensidade dessa força depende da densidade do fluido e do volume do corpo. Nos gases, essa intensidade costuma ser muito baixa (até desprezível). As forças de empuxo e da gravidade interagem e costumam se contrabalancear.

Por fim, houve a concretização e gravação da performance, mediada pela dançarina e coreógrafa Isabella Duvivier, inspirada pelas pesquisas, levantamento bibliográfico e debates que se deram nos encontros do LAB Ciência e Dança. Não houve ensaios prévios, pois a proposta era de improviso e espontaneidade. Além da direção, o registro e a edição do material ficaram a cargo de Duvivier.

Refletindo sobre como a divulgação científica costuma direcionar a linguagem da arte em suas ações, o mover e a dança nesta performance se deu como um posicionamento do LAB Ciência e Dança a fim de trazer uma provocação na não verbalização dos assuntos científicos envolvidos. O objetivo foi desenvolver uma ação não conteudista, ainda que os fenômenos físicos estivessem presentes no processo de construção. A intenção é estimular, assim, as/os espectadoras/es a interagirem de forma sensível com a dança e as ciências envolvidas, potencializando a linguagem artística. A performance desprovida de explicações pode ser considerada uma ação de divulgação científica que extrapola o modelo de déficit. Durante a performance, o objetivo foi conduzir a linguagem corporal a fim de que cada artista-pesquisadora pudesse observar o sentir em seus corpos inspirada nos conceitos científicos trabalhados. Assim, pode-se experienciar uma nova relação sendo estabelecida entre as artistas e seus acervos literários. Os livros utilizados na experiência são de uso constante nas áreas de pesquisa de cada participante, de fato um levantamento bibliográfico físico e sentido.

4. Resultados e Diálogos

As trocas que se deram no âmbito deste estudo resultaram na produção da e reflexão sobre a performance corpo-gravidade, desenvolvida pelo LAB Ciência e Dança - acessível via QR code no início do artigo -, e em diversos questionamentos e provocações sobre a integração Ciência e Dança na perspectiva da Divulgação Científica.

Além da performance em si, coletamos relatos das artistas-pesquisadoras que aparecem na performance, nos quais elas compartilham tais reflexões, questionamentos e provocações.

Relato 1: A dança sempre me acompanhou, desde pequena. Às vezes, por diversão, por expressão; às vezes, para dizer o que não conseguia formular em palavras (era uma criança tímida mas dançante), às vezes para dissipar a ansiedade e muitas vezes sem motivo aparente. Eu dançava danças que me foram ensinadas. Durante a pandemia, descobri a dança contemporânea e o método da educação somática, trazendo consciência e ciência para meu ato de dançar e se expressar no mundo. Como pesquisadora em divulgação científica me veio uma inquietação sobre a interface de áreas. Foi aí que a integração Ciência e Dança pulsou em mim como algo que tinha pressa para se pôr no mundo, surgindo, dessa inquietação, o LAB Ciência e Dança, com encontros quinzenais e perspectivas de propostas teóricas e práticas. Durante a performance, sentir os livros que uso como referências de pesquisas no meu corpo me deu uma sensação de novidade. Parecia que não tinha intimidade com aqueles objetos e na verdade tenho e muito. Acordo olhando para eles (a estante de livros é próxima à minha cama) e sempre que preciso os abro, leio e releio. Na verdade, conheço seus conteúdos científicos, e não seus pesos e temperaturas na minha barriga, por exemplo. Foi como incorporar suas ideias de forma física. Sentindo a gravidade, o livro no meu corpo e meu corpo no chão. Cada parte do corpo estava sensível, ativa e atenta àquela experiência. Percebi pontos em meu corpo mais sensíveis aos pesos e formatos dos livros. Na barriga, na região do útero, foi mais difícil carregar os livros pesados. Fazer um levantamento bibliográfico na sua fisicalidade é sentir, e não necessariamente compreender. Adorei a experiência e a abertura de reflexões que ela me proporcionou sobre a relação entre ciência e dança - teoria e prática - razão e imaginação.

Relato 2: Para mim, é um grande desafio estudar a interface ciência-dança. Ao longo da minha trajetória como jornalista de ciência e pesquisadora do campo da divulgação científica, sempre busquei objetividade, as palavras mais precisas para descrever fenômenos geralmente bem concretos. Meu principal objeto de trabalho sempre foi o texto. Meu primeiro objeto de estudo foi a mídia. Em 2015, desestabilizada pelas rápidas transformações no cenário midiático, sem conseguir decidir muito bem o que era relevante estudar em meio à tanta novidade, decidi explorar novos caminhos. Desde então, tenho me dedicado também à pesquisa sobre ciência e

teatro. Apesar de ser uma espectadora atenta e interessada – não foi por acaso que escolhi esse caminho –, pesquisar uma arte era uma grande novidade. Eu começava ali a deixar a minha zona de conforto. Empolgada, mas ciente das minhas limitações, mergulhei fundo nos estudos do teatro. Estimulada por essa imersão, tenho buscado, nas minhas pesquisas e reflexões, valorizar e enfatizar cada vez mais a estética, explorar a teatralidade, observar os elementos teatrais. Apesar dos meus esforços, o texto, como um ímã, fica o tempo todo me atraindo, tentando me levar de volta para a minha zona de conforto. Se não estudo o texto das obras, analiso os discursos dos espectadores, enfoco as mensagens que eles constroem sobre elas, dando, às vezes, mesmo sem perceber – e definitivamente sem querer –, mais relevância a como eles se apropriam do texto do que da estética, depreendendo da fala deles, aspectos relacionados mais ao conteúdo do que à forma. Ao ser provocada a estender meu olhar investigativo do teatro para a dança, minha primeira reação foi dizer, apavorada: “Mas eu não sei nada de dança!”. Depois, mais calma, pensei: “Mas, Carla, dança é artes cênicas também, qual é o problema?”. O problema, meus caros, é que na dança não há o diacho do texto. Pelo menos não o tipo de texto com o qual estou habituada a lidar. Não o tipo de texto que sou capaz de corrigir e editar. Não o tipo de texto que tenho facilidade de ler e interpretar. E sem esse texto, o que posso eu fazer? No embrionário LAB Ciência e Dança, do qual tenho a honra de fazer parte, ainda não encontrei a resposta. Esse tipo de resposta não surge do nada; sobretudo em um campo emergente, ainda pouco explorado. Ela é fruto do estudo, da reflexão, do debate, que certamente estão por vir. Mas também pode e deve vir da experimentação. Nesse sentido, esse terreno ainda incógnito das interações entre a ciência e a dança oferece mil e um caminhos a serem experimentados. Se, para mim, estudar a literatura científica seria o mais óbvio deles, e também o ponto de partida mais adequado, para as minhas companheiras de laboratório esse caminho está longe de ser o mais óbvio e muito menos um ponto de partida inquestionável. Ainda bem! Por essas e outras, tem sido tão rico esse encontro curioso e respeitoso de saberes, de vivências e de habilidades. Este primeiro fruto do nosso primeiro experimento – uma mescla orgânica de escrita e movimento – não podia expressar melhor a natureza desse encontro. E aqui, pela primeira vez, me sinto mais confortável dançando do que escrevendo. Mas conforto para quê?

Relato 3: A dualidade ciência-dança faz parte de minha vida desde que me entendo por gente. Mas, durante muito tempo, não se tratava de integração ou interface, e sim de cabo de guerra. De um lado, a dança; do outro, a ciência. Dançar foi meu primeiro grande desejo – tão arrebatador e visceral que lembro como se fosse ontem o dia em que convenci meus pais a me colocarem no balé. Foi assim que, ainda aprendendo a ler, já fazia meus primeiros pliés. Contudo, como em qualquer boa história de amor, meu relacionamento foi colocado à prova repetidas vezes. Nessas horas, para evitar sofrimento, logo me lembrava do que residia para além dos es-

pelhos dos estúdios de dança: pensava nos livros, nos estudos e em todo aquele universo de saberes acadêmicos que me encantava em igual medida. A fuga da dança à ciência foi coroada às vésperas do vestibular, quando decidi apostar na Física. Convencida pela simplicidade de quem acredita que somente é possível ser ou isto ou aquilo, cedi às vozes que me diziam ser inviável conciliar balé e Física em uma só pessoa. Então, por alguns anos de minha graduação - e pela primeira vez em minha vida - parei de dançar. A verdade é que não é apenas balé e Física que dizem por aí não combinar: Física e mulher também é dobradinha bastante rechaçada. Por conta disso (e de outras coisas mais), quando o coração apertava na Academia, eu fazia o caminho inverso... e sonhava com a fuga da Física para a dança. No fim das contas, nunca abandonei o laboratório para ir morar nos palcos, nem tampouco segui afastada dos palcos para viver no laboratório. Cansada de existir em cima do muro, optei por derrubar aquela falsa linha divisória e, ao fazer a escolha de não escolher, (re)nasci. É assim que me sinto no LAB Ciência e Dança: viva e, sobretudo, completa. No processo de gestação de nossa performance, as longas trocas - inspiradas em ricos diálogos sobre a natureza e suas diversas formas de interação com os corpos que a habitam - despertaram em mim a paixão que há muito não sentia pela Física. Esse sentimento, que correu pelas minhas veias durante toda prática da performance corpo-gravidade, potencializou minha dança a ponto de ajudar a controlar aquilo que sempre me pareceu incontrolável: a respiração. Ao não estar mais dividida entre lá e cá, estive presente. Enquanto ouvia a narração que direcionava e coreografava nossos movimentos, enxergava na pele o puxão invisível da força da gravidade que tanto illustrei na forma de setas em diagramas. Enquanto sustentava cada um dos livros sobre minha cabeça, tronco e membros, fui capaz de entender o que cada parte do meu corpo precisava: o abdômen - onde reside meu próprio centro de gravidade - pedia peso para encurtar a longa distância que o separa do centro da Terra; já as coxas queriam ajuda para descansar na rotação em deors que tanto gostam. Na tentativa de agradá-los, provei variadas configurações, acreditando que a satisfação estaria no somatório dos livros acumulados em cada um desses pontos. Foi só depois de um tempo que percebi que cometia o mesmo erro de sempre! Assim, ao ter ciência mais uma vez do valor da integração como caminho e solução, fiz uma ponte, e dancei a interface.

5. Conclusão

O embasamento teórico sobre Ciência e Dança da performance corpo-gravidade apresenta inúmeras possibilidades para trilhar a interface dessas áreas. Segundo Meyer (2015), a arte contemporânea é vista a partir da sua capacidade de interação multimidiática e plurissensorial, em que o corpo performático é enfatizado. Por se tratar de corpo, há a possibilidade de exploração de temas científicos como fonte de inspiração para a criação de espetáculos coreográficos ou para a criação de metodologias em dança, onde os conhecimentos anatômicos, neurocientíficos, bioquímicos e motores potencializam o fazer artístico.

Em meio à pluralidade de linguagens e percursos que a ciência vem explorando para se comunicar com diferentes audiências, valendo-se cada vez mais de recursos artísticos, a dança vem ganhando espaço, principalmente no contexto da divulgação científica e da educação interdisciplinar - ainda que de forma tímida, por se tratar de uma comunicação sensível e poética.

Nesse sentido, unindo arte, ciência e dando corporeidade ao ato de buscar referenciais teóricos, a análise da performance corpo-gravidade intensifica essa pesquisa exploratória. Nessa performance, a provocação vem para refletirmos sobre a integração ciência e arte/ciência e dança no sentido de não limitar o uso da dança somente como ferramenta, e sim abranger a sua exploração como ato poético, político e motivador. Em um momento emergencial, quando o mundo pede saúde e sanidade, que a dança possa ganhar o seu reconhecimento pelas ciências e possa caminhar saltitando por entre e ao redor da divulgação científica. Que possamos não só viver, mas dançar a vida (GARAUDY, 1980) e as ciências.

Referências

- ALMEIDA, C. et al. Ciência e teatro como objeto de pesquisa. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 70, n. 2, p. 35-40, Abril 2018. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602018000200011>
- BITTAR, A. J.; FIGUEIREDO, V. M. C.; FERREIRA, A. D. Brazil-United Kingdom Dance Medicine and Science Network as a Place for Poetic Preparation Research. **International Journal of Art, Culture and Design Technologies**, [S. l.], v. 7, p. 1-16, 2018. <https://ur.booksc.eu/book/75887531/d56f98>
- CLARK, L.; ROLNIK, S. Objeto Relacional. In: **Lygia Clark**. Rio de Janeiro: FUNARTE, coleção ABC, 1980. p.51.
- DOMENICI, E. O encontro entre dança e educação somática como uma interface de questionamento epistemológico sobre as teorias do corpo. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 69–85, 2016. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643343>.
- GARAUDY, R. **Dançar a vida**. 6 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, 188p.
- LEOTE, R.; CAVALHIERI, C. P. Tecnoperformance e instalação: possibilidades emergentes de produção artística com drones. **ARS (São Paulo)**, [S. l.], v. 17, n. 35, p. 239-256, 2019. <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2019.152523>
- LEPECKI, A. **Coreo-política e coreo-polícia**. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 13, n. 1,2, p. 40-60, Dez. 2012. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2011v13n1-2p41>

MARANDINO, M. et al. A Educação Não Formal e a Divulgação Científica: o que pensa quem faz? In: IV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 2003, São Paulo. **Atas IV ENPEC**, ABRAPEC, 2004. Disponível em: <https://fep.if.usp.br/~profis/arquivo/encontros/enpec/ivenpec/Arquivos/Orais/ORAL009.pdf> Acesso em 11 de janeiro de 2022.

MATIAS, A. et al. Engaging children in geosciences through storytelling and creative dance. **Geoscience Communication**, [S. l.], v.3, n.2, p. 167-177, 2020. <https://gc.copernicus.org/articles/3/167/2020/>

MEYER, A.; DE SÁ, A. C.; COHEN, S. Processos de criação da Companhia de Dança Contemporânea da UFRJ no contexto da ciência & arte. **Blucher Arts Proceedings**, São Paulo, v.1, n.1., p.235-251, Set. 2015. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/processos-de-criao-da-companhia-de-dana-contemporanea-da-ufrj-no-contexto-da-cincia-andamp-arte-20116>. Acesso em: 11 de jan. de 2022.

MYERS, N. Dance Your PhD: Embodied Animations, Body Experiments, and the Affective Entanglements of Life Science Research. **Body & Society**, [S. l.], vol. 18, n.1, p. 151-189, Mar. 2012. <https://doi.org/10.1177/1357034X11430965>

MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C.; BRITO, F. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C.; BRITO, F. (Orgs.) **Ciência e Público**: caminhos da divulgação científica no Brasil. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, UFRJ, 2002. cap.3, p. 43-62. http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/cienciaepublico.pdf. Acesso em: 11 de jan. de 2022.

Sobre as autoras

Alanna Dahan

Bióloga, educadora museal, mestre em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e atualmente pesquisa dança contemporânea. Integra a Coordenação de Educação e Popularização da Ciência do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST).

email: alannamartins@mast.br

Carla Almeida

Jornalista e doutora em divulgação científica. Integra a equipe do Núcleo de Estudos da Divulgação Científica do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

email: carla.almeida@fiocruz.br

Isabella Souza

Bailarina, coreógrafa, pesquisadora nas artes do movimento e do objeto, arte-educadora. Enfoque nas corporalidades ibéricas, nas danças contemporâneas, nas pedagogias somáticas, e nas relações entre corpo e gesto-sensível.

email: isabelladuviviersouza@gmail.com

Carolina Andries Gigliotti

Especialista em divulgação científica e mestre em física. Tem mais de uma década de experiência no balé clássico e, atualmente, pesquisa acrobacias na perna de pau.

email: carolinagigliotti@gmail.com

Recebido em: abril de 2021

Publicado em: junho de 2022
